

## PELA CAUSA DA ARQUITETURA

*Frank Lloyd Wright (1908)*<sup>1</sup>

- I. A simplicidade e o repouso são as qualidades que medem o verdadeiro valor de qualquer obra de arte. Porém, a simplicidade não é fim em si mesma nem é um assunto de importância secundária, mas sim uma entidade cuja beleza está agraciada na sua integridade, da qual todo o que está em desacordo e é insignificante foi eliminado. Uma flor selvagem é realmente simples. Em consequência:
  - Um edifício deveria ter poucos aposentos como convém às condições que o originam e segundo as quais vivemos; e o arquiteto deveria se esforçar continuamente em simplificar, pois no conjunto dos cômodos dever-se-ia considerar cuidadosamente que o conforto e a comodidade podem se concretizar através da beleza.
  - Os vãos deverão ter lugar como caracteres distintivos integrais da estrutura e da forma, sendo possível a sua ornamentação natural.
  - O amor excessivo pelo detalhe tem muito arruinado as coisas belas desde o ponto de vista das Belas Artes como da moradia bela, do que qualquer outro defeito humano; isto é desesperadamente vulgar. Há muitas casas quando não são decoradas ou pintadas cenograficamente, que são meras versões de armazéns, bazares ou lojas de sucatas. A decoração é perigosa ao menos se não é inteiramente entendida e que convença que é algo bom no esquema como um todo. Na atualidade, é melhor deixá-la suprimida. O mero fato de que “pareça belo” não é uma justificativa para o uso do ornamento.
  - Os equipamentos e as instalações não são desejáveis enquanto tais. Dever-se-ia integrá-los continuamente a todas as dependências do desenho da estrutura.
  - Os enquadramentos deturpam com frequência as paredes que os decoram. Estes deveriam ser decorativos e estar incorporados ao esquema geral como decoração.
  - Os ambientes realmente mais satisfatórios são aqueles nos quais a maioria dos móveis está construída como parte do esquema original. O conjunto deveria sempre ser considerado como uma unidade integral.
- II. Deveria haver tantas classes (de estilos) de casas como (estilos) de pessoas e tantas diferenciações como indivíduos distintos. Quem possui individualidade – ou quem carece dela – tem o direito a se expressar em seu próprio meio ambiente.
- III. Um edifício deveria parecer que cresce facilmente desde seu próprio solo e deveria estar configurado para se harmonizar com seus arredores, mesmo se a natureza se manifestasse ali ou não, tentando fazê-lo tão tranquilo, substancial ou orgânico como haveria sido se tivesse a oportunidade.
- IV. Nós do meio Oeste americano, vivemos na planície. Esta tem uma beleza em si mesma e deveríamos reconhecer e acentuar esta beleza natural; sua linha visual tranquila. Disto decorrem os telhados inclinando-se suavemente, as proporções de pouca altura, as linhas tranquilas de horizonte.
- V. As cores requerem o mesmo processo de convencionalismo para adaptá-las àquelas que as formas naturais produzem; assim a madeira e os campos favorecem os esquemas cromáticos. Dever-se-ia usar tons suaves, cálidos e otimistas de terrosos e folhas outonais em preferência aos azuis pessimistas, púrpuras ou frios acinzentados. Aquelas cores são mais saudáveis e se adaptam melhor a uma boa decoração na maioria dos casos.
- VI. Dever-se-ia revelar a natureza dos materiais, incluindo sua natureza em todo esquema. Que se retire o verniz da madeira e deixe-a crua; descolorida. Que se desenvolva a textura natural do engessado e do descolorido. Que se revele a natureza da madeira, do gesso, da cerâmica ou da pedra em seus projetos; todos eles são acolhedores e belos por natureza. Nenhum tratamento arquitetônico pode ser realmente uma questão de arte bela se estas características verdadeiramente naturais ou sua natureza essencial é ultrajada e descuidada.
- VII. Uma casa que possui caráter tem a probabilidade de um crescimento mais estimado que o de uma mais antiga, enquanto que uma casa na moda predominante – qualquer que seja esta moda – é passada logo de moda, tornando-se velha e inútil.

---

<sup>1</sup> WRIGHT, F. L. *In the case of architecture*. In: **ARCHITECTURAL RECORD**. March 1908; citado em GUTHEIM, F. **Frank Lloyd Wright on architecture: selected writings**. New York: Duell, Sloan & Pearce, 1941. p. 33-34.



## A SOBERANIA DO INDIVIDUAL: A ARQUITETURA ORGÂNICA

*Frank Lloyd Wright (1910)<sup>2</sup>*

Toda arquitetura que mereça tal nome deverá ser daqui em diante mais e mais orgânica. A arquitetura será o desenvolvimento vernáculo em acordo com o sentimento natural e os meios industriais para servir com arte às necessidades atuais. A *arquitetura orgânica* não pode se impor em parte alguma desde fora. Existe estreita simpatia com o espírito que a cria e com a compreensão dos ideais que a configuram para que possa ser utilizada por outros povos em outros tempos e condições. Os intentos de usar formas extraídas de outras culturas e condições diferentes às nossas próprias devem terminar como acabou o Renascimento – com a perda total das relações inerentes entre a arte e a arquitetura com a alma vital do povo [...]

A América – uma república democrática – apresenta mais que qualquer outra nação este novo problema arquitetônico. Suas instituições estão concebidas – ou assim se diz – ao menos com espírito democrático. Isto deve significar que este país fixa uma prima vitalícia sobre a individualidade como o desenvolvimento possível mais elevado do indivíduo, consistente na vida harmoniosa do conjunto [...] A individualidade portanto é um grande e forte ideal nacional. Quando este ideal degenera-se em mesquinho individualismo, nacionalismo ou desenfreado personalismo, não é mais que uma manifestação de debilidade, própria da natureza humana. Semelhante degeneração não é um defeito fatal

---

<sup>2</sup> WRIGHT, F. L. *The sovereignty of the individual*. In: KAUFMANN, E.; RAEBURN. **Frank Lloyd Wright: writings and buildings**. 8. ed. Cleveland: Meridian Books, 8. 1969 (1960), p. 90/92-3/102/106. Este texto apareceu originalmente em alemão como prefácio, escrito em Florença, Itália (1910), para a apresentação de seus projetos e realizações, intitulado: **Ausgeführte bauten und entwürfe** (Berlim: Wasmuth, 1910). Tal livro foi reeditado em inglês como: **Buildings, plans and design** (New York: Horizon Press, 1963).

para o ideal democrático [...] Na América, pois, cada um tem o direito peculiar, inalienável, em viver sua vida em sua própria casa e da sua maneira [...]

Na *arquitetura orgânica* é absolutamente impossível considerar o edifício como uma coisa; seu mobiliário e complementos como outra; e sua implantação e entorno como outra mais. O espírito em que estão concebidas estas construções considera todos estes elementos como constitutivos de uma unidade. Todos eles devem ser cuidadosamente ponderados e tomados em consideração na natureza da estrutura. Todos eles devem se converter em meros detalhes dentro do conjunto e caráter da estrutura. A iluminação, a calefação e a ventilação não de estar incorporadas – ou se excluem. Inclusive as mesas e as cadeiras, os armários e até os instrumentos musicais, quando seja possível, não de ser elementos do mesmo edifício, jamais elementos postiços [...]

Desta maneira, faremos do lugar humano uma obra de arte completa, expressiva e bela em si mesma, rigorosamente coerente com a vida moderna e adequada para vivê-la; que permita manifestar mais livre e comodamente as necessidades individuais de seus moradores, constituindo em si mesma uma entidade harmoniosa, plena de coerência em sua cor, desenho e vantagens naturais e real expressão destes em seu caráter. Tal é a grande oportunidade moderna da arquitetura na América. Verdadeira base de uma cultura verdadeira.

Trata-se acaso de assumir uma visão exaltada do “instinto de propriedade” de nosso tempo? Uma vez estabelecido e à vista, acredito que este ideal deve se converter em uma nova tradição. Um imenso passo a frente, mais além das formas prescritas, em correspondência com um tempo em que uma casa estava constituída por uma agregação de células ordenadas em forma de aposentos separados. Cômodos para acumular neles de qualquer modo vários móveis, ausentes as vantagens do conforto. Somente presente o interesse pela propriedade.

Este moderno edifício aparece como uma entidade orgânica, em contraste com a antiga e insensata agregação de partes. Temos seguramente aqui o mais alto ideal da unidade de um desenvolvimento mais profundo da expressão da própria vida em seu entorno específico. Algo realmente grande no lugar de uma conflitiva coleção de coisas insignificantes.